

Paulo Freire na luta contra o fascismo: por uma pedagogia libertadora

Paulo Freire en la lucha contra el fascismo: por una pedagogía de la liberación

Lucas Rocha de Brito Rodrigues
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte/MG-Brasil
Tatiana Pinheiro de Assis Pontes
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
Uberlândia/MG-Brasil

Resumo

Paulo Freire tem sofrido diversos ataques à sua obra e ao seu legado enquanto educador e cientista da educação. Percebe-se nestes ataques uma assunção fascista, porque se constituem como ataques violentos que, além de deturparem a essência de seu pensamento e de sua militância, buscam desqualificar e anular toda a sua contribuição para a humanidade. Denunciar estes ataques, contextualizando-os historicamente e, por outro lado, trazer anúncios de possibilidades de enfrentamento a esses ataques é a proposta do presente artigo, que perpassa por leituras de acontecimentos históricos ocorridos até a atualidade brasileira. São discutidas apostas de resistência ao fascismo, que aqui concebemos, grosso modo, como as ações antidemocráticas, que negam as possibilidades de consolidação da justiça social. O verbo “resistir” é utilizado aqui à luz do que propõe Freire sobre o desenvolvimento da conscientização, que reverbera três dimensões essenciais: consciência crítica, postura política e ação (militância). Para essas proposições, utiliza-se da teoria freireana como metodologia, tecendo uma comunicação final de luta e esperança.

Palavras-chave: Paulo Freire; Resistência ao Fascismo; Pedagogia Libertadora.

Resumen

Paulo Freire sufre diversos ataques direccionados a su obra y su legado como pensador e investigador de la educación. Se percibe en dichos ataques una asunción fascista, porque se constituyen como ataques violentos que deturpan la esencia de su pensamiento y militancia y buscan descalificar y anular toda su contribución a la humanidad. Denunciar esos ataques, contextualizándolos históricamente y, por otro lado, traer anuncios de posibilidades de enfrentamiento a esos ataques es la propuesta del presente artículo, que pasa por lecturas de acontecimientos históricos ocurridos hasta la actualidad brasileña. Son discutidas apuestas de resistencia al fascismo, que concebimos, de manera rápida, como las acciones antidemocráticas que niegan las posibilidades de realización de la justicia social. El verbo “resistir” es utilizado a la luz de lo que plantea Freire acerca del desarrollo de la concientización, que reverbera en tres dimensiones esenciales: conciencia crítica, postura política y acción (militancia). Para esas propuestas, utilizase de la teoría freireana como metodología, tejiendo una comunicación final de lucha y esperanza.

Palabras-claves: Paulo Freire; Resistencia al Fascismo; Pedagogía de la liberación.

1. Notas introdutórias: como nascem os ataques a Paulo Freire?

A teoria e a prática de Paulo Freire em prol de uma educação mais justa, humana, comprometida com a ética e com a emancipação das opressões, produzida no diálogo, em oposição às injustiças sociais é (re)conhecida mundialmente. Desde a sua primeira obra – Educação e Atualidade Brasileira (FREIRE, 2003) –, Freire defende o desenvolvimento de uma educação popular, fundamentada e desenvolvida na comunicação com o povo, com vistas no objetivo de desenvolvimento de consciências críticas que possibilitassem a construção de um projeto de sociedade emancipada de domesticações e processos impositivos de exclusão e desigualdade.

Na década de 1960, na cidade nordestina de Angicos, Paulo Freire esteve à frente de um projeto reconhecido à nível mundial pela alfabetização de trezentos trabalhadores em quarenta e cinco dias (FREIRE, 2003). Entretanto, frentes reacionárias, ao que se pode imaginar, sentiram-se ameaçadas com a difusão de uma “pedagogia libertadora”, que poderia significar uma revolução contra as injustiças e as explorações sociais que se observavam naquele momento. Foi então que, na ocasião do golpe militar de 1964, dentre as tantas consequências à democracia brasileira, a campanha nacional de alfabetização liderada por Paulo Freire, foi interrompida, ocasionando ainda a prisão de Paulo Freire, que, após setenta dias, conseguira asilo político, ficando dezesseis anos exilado de seu país (BRANDÃO, 2008).

Passando pelo período ditatorial, o Brasil, entre tantas outras desumanizações, enfrentou perdas de direitos como o da livre expressão do pensamento e da participação popular direta nos processos eleitorais dos governantes. Somente após vinte e um anos, depois do movimento popular mais emblemático do período, o “Diretas Já”, é que o país conseguiu reestabelecer a democracia, consagrando-a na Constituição Federal de 1988 – CF/88 (BRASIL, 1988).

As conquistas sócio-democráticas advindas pós-ditadura, na redemocratização do país, possibilitaram ao Sistema Educacional Brasileiro a difusão do conhecimento da vida e da obra de Paulo Freire. No entanto, os persistentes ataques ao legado freireano na contemporaneidade confirmam a existência de uma grande lacuna quanto à compreensão do seu pensamento, que é oposto ao de apologia à doutrinação, da qual o autor é infundadamente acusado pelos adversários ideológicos. Mesmo sendo consagrado mundialmente como um dos pensadores mais importantes da educação, mesmo com tantas

comprovações documentais da qualidade de sua obra e dos resultados exitosos de quando esteve à frente de projetos educacionais no Brasil e em outros países, Paulo Freire continua recebendo ataques difamatórios e sendo novamente considerado uma ameaça à “ordem” pública nacional.

Com vistas ao exposto, este artigo objetiva dar vozes às inquietações, denúncias e proposições de debates em torno de situações e de posturas fascistas frente à memória e ao legado de Paulo Freire no contexto político e educacional brasileiro nos últimos anos. Como introduzido até o momento, compreendemos que os ataques a Paulo Freire possuem raízes históricas e que os intentos de exclusão de Paulo Freire do cenário educacional fazem parte da intencionalidade política de um projeto de sociedade desumanizante.

Além dessa introdução, o texto está subdividido nas seguintes seções: “Marcas de fascismo na atualidade brasileira: comentários e provocações”; “O fascismo dos ataques a Paulo Freire: é possível expurgar o pensamento do autor?”; “Leituras freireanas para resistência contra o fascismo”, além das considerações e referências.

2. Marcas de fascismo na atualidade brasileira: comentários e provocações

Em nossa atualidade, ataques simbólicos contra Paulo Freire encontram ressonância e força no Brasil, notadamente, em meio à onda conservadorista que se instalou no país, com veemência, a partir de 2015, quando uma crise político-partidária se instalou e cresceu progressivamente, culminando na polarização da sociedade, formando dois grupos antagônicos, de um lado, o grupo autointitulado “de direita” (ou anti-esquerdistas) e, do outro, os chamados “de esquerda” (PONTES, 2017).

Nesse movimento “anti-esquerdista”, notou-se claro interesse de uma parcela da sociedade brasileira em retirar o Partido do Trabalhadores (PT) da governança brasileira, após quatro eleições presenciais vencidas consecutivamente nas urnas a partir do ano de 2002 pelo voto direto. Em manifestações ocorridas em 2015, manifestantes pediam por impeachment e por intervenção militar, lançavam xingamentos e outras formas questionáveis de manifestação popular. Na ocasião citada, uma faixa portada por um manifestante chamou a atenção em diversas partes do mundo por expor a seguinte declaração: “Chega de doutrinação marxista. Basta de Paulo Freire” (PONTES, 2017). Tal fato ganhou repercussão nacional e internacional, principalmente pela incoerência do contexto em que se desenvolveu: Paulo Freire foi relacionado à prática de doutrinação por manifestantes que

foram às ruas pedir a volta da ditadura militar no Brasil. Como essa associação poderia ser estabelecida se a luta de Paulo Freire sempre foi oposta a qualquer forma de doutrinação, e sua militância sempre foi em prol da liberdade, e da conscientização das pessoas?

O contexto acima pode provocar diversos questionamentos e conjecturas, mas aqui, recorrendo a Pontes (2017), atentaremos-nos a apenas duas hipóteses: a) existe um alheamento da sociedade, inclusive no meio educacional, ao legado freireano, e tais manifestantes e contrários a esse legado difundem informações falsas que recebem de fontes opositoras; b) há ainda no Brasil forças reacionárias que repudiam qualquer ideia de emancipação humana e, por conhecerem a obra e o papel importante que Paulo Freire ocupa na agenda da democracia, sabem que, se compreendidas essencialmente, esse legado em prol da libertação humana poderá sucumbir o sistema de controle, de pensamento e de comportamento que existe sobre a população brasileira.

Considerando as hipóteses supra-apresentadas, podemos deduzir que uma onda de práticas fascistas, porque marcadas por atitudes violentas e, aparentemente, desprovidas de pensamento histórico, vem tomando conta do Brasil nos últimos anos. Tais práticas fascistas foram se materializando cada vez mais, e ganharam voz e vez durante o período de campanha das eleições presidenciais de 2018, quando Jair Bolsonaro, candidato eleito, que até então era filiado ao Partido Social Liberal (PSL), fazia publicamente apologia à tortura das pessoas adeptas a ideologias “de esquerda” (BOITO JÚNIOR, 2021). Além disso, durante o referido período de campanha, Bolsonaro fez uma série de declarações polêmicas, explicitando preconceitos contra a raça, a cor, a classe social, o gênero feminino, a condição sexual, entre outros, e, principalmente deixando claro que, se eleito, governaria para os seguidores da ideologia de “extrema-direita”.

No documento base para campanha, a proposta/plano de governo, o então candidato Bolsonaro declarou que “nos últimos 30 anos o marxismo cultural e suas derivações como o gramscismo, se uniu às oligarquias corruptas para minar os valores da Nação e da família brasileira” (BOLSONARO, 2018, p. 8).

Com a explícita intolerância às ideologias e às práticas defensoras da liberdade, da emancipação humana, o setor educacional foi, drasticamente, incorporado na agenda de Bolsonaro, especialmente, no que se refere à implementação de uma ideologia de “extrema-direita”. Entre os lemas endossados no documento de campanha, destacamos: “mais matemática, ciências e português, sem doutrinação e sexualização precoce” (BOLSONARO,

2018, p. 41, grifos nossos), tal declaração carrega uma esdrúxula associação com ideias humanistas, consagradas na Constituição Federal de 1988, como a questão do respeito à diversidade, por exemplo. A relação estabelecida entre o incentivo à “sexualização precoce” e o currículo educacional vigente, mostrou, claramente, o movimento de difusão de informações falsas em torno das gestões anteriores ao seu governo, posteriores à ditadura militar.

Essa discussão da educação no contexto da atualidade brasileira acima é central para este texto e será abordada ao longo de todo artigo. Mas, por ora, é válido elucidar sobre o que concebemos, aqui, como fascismo, e justificar porque estamos associando-o a um recorte histórico da atualidade brasileira a partir do ano de 2015. Nesse sentido, é preciso dizer que, como sabemos, originalmente, o fascismo foi um fenômeno histórico desenvolvido na Itália e na Alemanha, entre os anos 1922 e 1945, no período chamado entre guerras, “caracterizado pela ascensão de regimes políticos totalitários que se opuseram, ao mesmo tempo, às democracias liberais e ao regime comunista soviético” (SILVA; SILVA, 2008, p. 141). Todavia, regimes políticos e as práticas sociais com características semelhantes às do movimento fascista foram aos poucos sendo concebidos como regimes fascistas ou prática do fascismo: marcados pela violência, pelo desrespeito à ética humana e à ciência.

Sobre as características do fascismo, recorrendo a Hobsbawm (1995), podemos destacar: exacerbação de nacionalismo e xenofobia; apologia a guerras; incitação à violência; conservadorismo, autoritarismo e antidemocracia; individualismo liberal; condenação da organização dos trabalhadores; repúdio aos ideais socialistas; mobilização e controle das massas; propostas de recriação do passado; invenção de tradições.

Por observarmos de maneira destacada as características supracitadas no Brasil pós-2015 (CHAUÍ, 2016), concebemos que a atualidade brasileira está marcada por práticas fascistas, que objetivam romper com direitos democráticos conquistados a duras penas ao longo de nossa história. Nesse sentido, trazemos à luz a questão que intitula esse artigo: quais os legados freireanos para a atualidade de luta contra o fascismo?

3. O fascismo dos ataques a Paulo Freire: é possível expurgar o pensamento do autor?

Há que sempre estar atento às novas crias e roupagens que podem adquirir este movimento histórico mobilizado pelo ódio e pela dor. Certamente, uma destas novas roupagens se encontra no seio do atual contexto brasileiro, em que se pode observar uma

tendência crescente (ou poderíamos dizer permanente e comum?) de assunção da violência e do estado de intolerância, como expõe o poeta e músico Arnaldo Antunes (2018): “empoderados pelo discurso/ de ódio/ de horror e ódio/ seus eleitores/ já saem pelas ruas/ dando tiro/ se gritos/ enxurradas de fakes/ suásticas nazistas gravadas com canivete/ na pele da menina/ que usava “ele não” estampado na blusa/ e a promessa de violência desmedida/ se concretizando”.

Neste mesmo sentido, nas diversas áreas do conhecimento humano, recentes discussões têm denunciado um “ascenso político e eleitoral de forças de extrema-direita, racistas, xenófobas, fascistas ou semifascistas” (LÖWIS, 2015, p. 652). No Brasil, esta realidade ficou muito evidenciada e frequente desde o período das eleições presidenciais de 2018. A relação do presidente eleito em 2018 com o desenvolvimento/crescimento de posturas fascistas na sociedade brasileira é comentada por Cavalcante (2018, p. 121), com destaque ao seguinte trecho:

se, certamente, a maioria dos 57 milhões que fez esse movimento na urna eletrônica não é formada por defensores declarados de políticas autoritárias ou fascistas, todos sufragaram um candidato que, de maneira aberta e declarada, defendeu ardorosamente a ditadura militar no Brasil e as práticas da tortura contra seus oponentes; prometeu criminalizar organizações de esquerda [...]; comprometeu-se com a aprovação de excludentes de ilicitude para atos de repressão das forças policiais – na prática, licença para matar –, liberação do porte e posse de armas em nome da defesa da propriedade e questionou mecanismos eleitorais vigentes, bem como instituições da democracia liberal.

Ainda de acordo com o pesquisador supracitado, o resultado trazido pelas investidas políticas de Bolsonaro e a onda fascista que consigo carrega, expressa-se na articulação entre conservadorismos morais de bases religiosas e um patriotismo entreguista, importante na viabilização de um projeto de sociedade radicalmente neoliberal. Para Cavalcante (2018, p. 122), o então eleito presidente trouxe ao debate público “valores, ideias e projetos que, em tese, estariam fora dos marcos democráticos e civilizatórios, como aqueles estabelecidos pela Constituição de 1988”.

Reis e Soares (2017) discutem que, embora a truculência, a violência e a negação das diferenças e pluralidades sejam características de movimentos fascistas, para que uma sociedade ou governo seja considerado fascista, além dos conflitos sociais gerados, é preciso ter, também, uma “questão política substantiva, que inclui como é formulado o discurso”

(REIS; SOARES, 2017, p. 55). Ainda sobre o conceito de fascismo, Reis (2017, p. 129) clarifica-nos dizendo que,

o fascismo pode ser entendido como uma variação do conservadorismo, especialmente do conservadorismo romântico. Também dá maior peso à comunidade do que ao indivíduo – sendo o movimento fascista a cola de unificação da sociedade desarticulada por liberais e socialistas, que não preservam a tradição – e dá enorme valor à hierarquia: o líder, o Führer, o duce concentra enormes poderes, a cultura da obediência é fortemente cultivada e os ritos e a simbologia são cruciais. Quer restaurar um passado glorioso, autêntico, fortemente vinculado às tradições do povo, como os conservadores românticos, mas se diferencia deles por uma característica bastante central: identifica um ou mais grupos inimigos (podem ser judeus, islâmicos, negros, imigrantes, ciganos, socialistas etc.) como responsáveis por essa degradação e visa a enfrentá-los violentamente até sua destruição, para que então seja possível o retorno ao passado idealizado.

Em verdade, não é nosso objetivo disputar e argumentar em torno da multiplicidade conceitual e temática que exista acerca do fascismo. Todavia, é fundamental pontuarmos uma compreensão, a partir do nosso entendimento, do que venha a se configurar como um fascismo. Objetivamos problematizar sobre como a teoria freireana pode ser incorporada como uma estratégia para luta contra esses ataques e contra a onda fascista de desumanização que vislumbra a sua perpetuação no Brasil.

Entre os ataques a Paulo Freire, que concebemos como um ataque à sociedade brasileira, na atualidade, é válido registrarmos alguns episódios marcantes, como, por exemplo, a tentativa parlamentar de retirar o título de patrono da educação brasileira conferido a Freire por meio da lei nº 12.612 no governo Dilma Roussef (PT). Com o apoio expressivo de aproximadamente 21 mil assinaturas ligadas ao movimento “Escola Sem Partido”, em 2017, foi enviada ao congresso uma proposta de revogação da lei supracitada, fato que, se consumado, retiraria por definitivo o referido título do educador. Tal proposta foi pautada pelos signatários na afirmação de que Paulo Freire é considerado um filósofo de esquerda e que os resultados do seu método de educação são um fracasso [sic] (CRAIDE, 2017). Todavia, em dezembro de 2017, a Comissão dos Direitos Humanos e Legislação Participativa do Senado rejeitou a proposta de revogação da lei nº 12.612, classificando-a como uma clara tentativa de censura ideológica.

Ataques ao legado freireano também foram sistematicamente feitos por um dos ex-ministros da educação, Abraham Weintraub, que esteve à frente da pasta do Ministério da Educação cerca de um ano e dois meses, entre 2019 e 2020. Entre as declarações feitas por A.

Weintraub durante sua liderança do ministério da educação, estiveram falas como: “Paulo Freire representa o fracasso da educação esquerdista”; “Ele [Paulo Freire] é tão ruim que ele é bom. É como a Dilma. Ele é feio, fraco, não tem resultado positivo e o pessoal quer defender, então é bater em morto” (PUTTI, 2020); “Paulo Freire e kit gay não têm vez no MEC do Pres. Jair Bolsonaro” (WEINTRAUB, 2020) e “Paulo Freire é um vodu sem comprovação científica” (DRECHSEL, 2019).

Outro ataque enfático contra Paulo Freire consiste no objetivo expresso no documento/proposta do ex-presidente Bolsonaro de eliminar as ideias freireanas no setor educacional, visando uma suposta “modernização do conteúdo”, “expurgando [sic] a ideologia de Paulo Freire”. Etimologicamente, expurgar significa deixar puro, limpo, purificar; deixar livre do que é nocivo ou imoral. Limpar, purgar; retirar a sujeira, a imundice – de acordo com os Dicionários Houaiss (2001) e Aurélio (2020). Tratado como imundice e sujeira, Paulo Freire é ameaçado e nomeado como responsável pela falência e insucesso da educação. Isso nos leva a pensar sobre uma questão muito pertinente: será, mesmo, que Paulo Freire está presente na educação das escolas brasileiras? Suas ideias foram adotadas oficialmente em integralidade? Paulo Freire ocupa um “lugar de destaque” nas propostas e no cotidiano escolar?

Embora propostas freireanas tenham sido reconhecidas e, em contextos específicos, desenvolvidas no Brasil, é um engodo pensar que Paulo Freire adentrou, em sua integral teoria, nas escolas brasileiras. Longe de culpabilizar trabalhadores e trabalhadoras da educação ou de declarar a falência da escola, é necessário, no entanto, questionarmos: quantas escolas conhecemos que ainda conservam marcas e rituais de uma pedagogia tradicionalista que foram refutadas por Freire? Em quantas escolas ainda há alunos silenciados, enfileirados, diante de um projeto educativo alheio as suas especificidades? Quantos professores e professoras seguem a sua rotina de trabalho apenas transferindo informações do currículo já pré-definido e padronizado? Quantos professores e professoras conhecem ou já leram alguma obra de Paulo Freire? Quantos professores e professoras são violentadas em silêncio, cotidianamente, por más condições de trabalho? Quantas escolas são, paulatinamente, palcos de situações de violência simbólica, de intolerâncias, de discriminação? Quantos estudantes são excluídos do interior da escola todos os dias, por questões sociais e políticas? São muitas as perguntas e as respectivas respostas podem soar tão óbvias que os questionamentos ganham característica retórica em nossa discussão.

Em seu doutoramento, Pontes (2017) defendeu a perspectiva da existência de lacunas e falhas em formações docentes no que se refere a estudos sobre a obra de Paulo Freire. Pontes (2017) demonstrou a existência de concepções de educação imprecisas por parte de docentes de escolas básicas que, embora atuem em um contexto determinado, podem servir de exemplificação em nossas reflexões. De acordo com a referida autora, as concepções imprecisas acerca do papel da escola e da educação indicam conflitos e lacunas na formação da identidade profissional do docente e que, “esses conflitos, possivelmente, são revertidos na prática educativa, o que contribui para que a ação docente caminhe na direção contrária à perspectiva da educação crítico-libertadora de Paulo Freire” (PONTES, 2017, p. 224).

Na verdade, na extensão de todas suas obras, Paulo Freire teceu críticas ao tradicionalismo no sistema de educação, que, no caso brasileiro, parece vigorar, ainda, em nossa atualidade, pois, tais críticas, cabem perfeitamente no contexto ao qual nos referimos. A obra *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2016) pode ser tomada como um exemplo da personificação das críticas realizadas por Freire, que analisa a relação de desigualdade constituída entre oprimidos e opressores, pontuando a escola como possível reprodutora destas desigualdades e indicando-a, ao mesmo tempo, como possibilidade metodológica para a mudança social. Em seu texto, Freire faz apontamentos em torno da alfabetização de pessoas e defende o direito de aprender a ler e a escrever de forma humanizada, política, crítica. Pensa o diálogo, a rigorosidade, o querer bem, o amor à vida, à luta, ao compromisso, ao estudo, à formação permanente como dimensões necessárias à profissão docente. Paulo Freire apresentou e deixou ao mundo um pensamento clássico que, reiteramos, parece ainda não ter adentrado essencialmente na realidade das escolas brasileiras, tampouco nos conhecimentos da sociedade. Por essas e outras, é inaceitável responsabilizar ou culpar o legado freireano pelo histórico de insucesso da educação escolar brasileira.

Entretanto, reconhecer que Paulo Freire não tenha entrado, em sua integralidade, nos ambientes escolares, não quer dizer que sua teoria não tenha sido amplamente difundida e estudada. 35 é o número de títulos Doutor *Honoris Causa* recebidos por Freire. 107 é o número de obras cuja autoria foi atribuída à Paulo Freire. 3.681 é o número de resultados encontrados para a busca do nome “Paulo Freire”, no banco de teses e dissertações da CAPES – todos estes exemplos, indicativos mínimos de que, embora não seja de amplo reconhecimento popular e por mais que Paulo Freire não tenha conseguido, efetivamente mudar “a cara” da

educação brasileira, sua teoria contribuiu significativamente para a conquista de melhorias e alcançaram importante reconhecimento científico.

Então, à guisa de resposta à pergunta feita no título desta seção: não, não é possível expurgar o pensamento de Paulo Freire das escolas e do Brasil. Porque, embora sua teoria não tenha jamais sido essencialmente incorporada no Sistema Educacional Brasileiro, exceto em casos isolados, a teoria freireana ainda sustenta o quefazer de muitos daqueles que acreditam na possibilidade de fazer do mundo um lugar mais justo.

4. Leituras freireanas para resistir e lutar contra o fascismo

À luz do pensar freireano, como interpretar o fascismo? Como enfrentá-lo em nossa atualidade? Como transpô-lo e a ele resistir? – Longe de propormos respostas definitivas a essas questões, buscaremos nesta seção anunciar pistas que podem auxiliar e fortalecer possibilidades, na perspectiva freireana, de resposta à truculência, à política injusta e desumana e mesmo à caça e à perseguição de Paulo Freire que observamos no Brasil na era do governo bolsonarista.

Nessa intenção, seguem abaixo proposições que, inspirados em Paulo Freire, consideramos fundamentais no cenário de resistência ao fascismo. Acerca do verbo “resistir”, esclarecemos que o termo é concebido, aqui, na perspectiva do desenvolvimento da conscientização, que para Freire (2003) reverbera três dimensões essenciais: consciência crítica, postura política e ação (militância), não se trata, pois, de uma postura estática. Utilizaremos nos subtítulos paráfrases referentes à obra *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 2014a).

1) Resistir ao fascismo exige luta pela defesa da vida dos sujeitos pertencentes a minorias sociais. Em *Pedagogia da Indignação* (FREIRE, 2015), o autor comenta o assassinato cometido de uma pessoa indígena cometido por cinco adolescentes em 1997:

que coisa estranha! Brincar de matar índio, de matar gente. [...] Penso, entre outras coisas mais, no testemunho que lhe deram de pensar e de como pensar. A posição do pobre, do mendigo, do negro, da mulher, do camponês, do operário, do índio neste pensar. Penso na materialidade materialista da posse das coisas, do descaso pela decência, na fixação do prazer, no desrespeito pelas coisas do espírito, consideradas de menor ou de nenhuma valia. [...] Registro o todopoderosismo de suas liberdades, isentar de qualquer limite, liberdades virando licenciosidade, zombando de tudo e de todos. Imagino a importância do viver fácil na escala de seus valores em que a ética maior, a que rege as relações no cotidiano das pessoas terá inexistido quase por completo. Em seu lugar, a ética do mercado, do lucro. As pessoas valendo pelo que ganham em dinheiro por mês. O atacamento ao outro, o respeito ao mais fraco, a reverência à vida não só humana mas vegetal e animal, o cuidado com as coisas, o

gosto da boniteza, a valoração dos sentimentos, tudo isso reduzido a nenhuma ou quase nenhuma importância (FREIRE, 2015, p. 76-77).

O contexto dessa fala de Freire pode nos lembrar da realidade existente de genocídio de pessoas negras, de pessoas oriundas de favelas, da comunidade LGBTQIA+ e daqueles que se opõem à permissividade, ao parecer institucionalizado da violência no Brasil atual. Essa fala freireana atinge a todos aqueles que acreditam na liberdade por meio das pluralidades existenciais, e aos que possuem criticidade na atualidade brasileira, o espanto, traduzido em palavras. Freire (2015) distingue a capacidade de perversidade humana, relacionando-a com a educação que receberam os assassinos de Galdino – cinco adolescentes de alta classe social. Aponta a importância da diversidade entre os sujeitos, defendendo a vida humana em detrimento da posse ou do materialismo e rejeitando a invisibilidade das minorias sociais dentro das experiências escolares. Defende a ética, rechaçando o atacamento e o desrespeito ao direito à vida daqueles pertencentes às minorias sociais.

Na continuidade de seu texto, a luta como maneira de transpor a lógica da crueldade, Freire indica:

urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como o respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornamos capazes de amar o mundo (FREIRE, 2015, p. 77).

No Brasil atual, com a deflagração de posturas fascistas, torna-se necessária a luta, acompanhada pelo ato de assumirmo-nos enquanto sujeitos críticos defensores da vida, da justiça, dos direitos humanos, da diversidade e buscar fazer dessa assunção mais do que um ato discursivo, sobretudo, vivencial. Neste Brasil, torna-se essencial a busca e a defesa da proteção daqueles que, social e historicamente, estão e sempre estiveram desamparados.

2) Resistir ao fascismo exige luta contra a discriminação e os preconceitos para radicalização da democracia. Em *Pedagogia da Autonomia*, Freire (2014a) indica a necessidade de se pensar certo, ou seja, de pensarmos criticamente e não simplistamente a realidade, do que faz parte “a rejeição mais decidida de qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia” (FREIRE, 2014a, p. 37).

É a tolerância, para Paulo Freire, uma das qualidades fundantes da vida democrática. Em *Pedagogia da Tolerância* (FREIRE, 2014b), somos esclarecidos de que a compreensão freireana de tolerância não se trata de uma tolerância indulgente ou condescendente, pois assim a tolerância seria favor que o tolerante faz ao tolerado ao perdoar sua “inferioridade”. Ao contrário disso, a tolerância, no sentido freireano, é a virtude de convivência humana em democracia, uma “qualidade básica a ser forjada por nós e aprendida pela assunção de sua significação ética – a qualidade de viver com o diferente. Com o diferente, não com o inferior” (FREIRE, 2014b, p. 26). Na relação de convivência democrática, não há tolerância de A para B,

não há propriamente o ou a que tolera e o ou a que é tolerado(a). Ambos se toleram. Por isso mesmo, na tolerância virtuosa não há lugar para discursos ideológicos, explícitos ou ocultos, de sujeitos que, julgando-se superiores aos outros, lhes deixam claro ou insinuam o favor que lhes fazem por tolerá-los. [...] O que a tolerância autêntica demanda de mim é que respeite o diferente, seus sonhos, suas ideias, suas opções, seus gostos, que não o negue só porque é diferente. O que a tolerância legítima termina por me ensinar é que, na sua experiência, aprendo com o diferente (FREIRE, 2014b, p. 26).

As colocações de Freire (2014b) nos põe a pensar em como tolerar o outro quando suas opiniões convergem para a negação de direitos tão caros à vida democrática, como os direitos humanos e o direito ao debate pacífico. Ademais, é possível dialogar com o ou a fascista? É possível dialogar com aqueles que defendem a supremacia de um Brasil excludente?

Talvez, se recordarmos as assertivas de Freire (2016) em torno do diálogo, alcançaremos a compreensão de que “não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados neste direito” (FREIRE, 2016, p. 135). Freire (2016) nos adverte que a autossuficiência é incompatível com o diálogo e que não há possibilidade de diálogo na ausência da coragem de amar ao próximo de uma maneira que não seja piégas.

Assim, inspirados em Paulo Freire, podemos apostar que, em uma situação de negação dos direitos humanos, cabe-nos a denúncia e a rejeição desta atitude de negação de direitos, que é, em si, uma face da atitude de discriminar e ser intolerante, de rejeitar a convivência democrática. Em contrapartida, estreitar o diálogo com aqueles que defendem o direito de todos de pronunciar o mundo, de maneira tolerante e fundada no respeito às integridades, e, por meio dessa união de forças, produzir estratégias contra a desumanização, é o início de um caminho promissor.

3) Resistir ao fascismo exige reconhecimento de privilégios sociais e percepção de classe. Freire (2016, s/p) dedica a sua obra aos “esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”. Essa frase nos abre caminho para a compreensão de que, embora determinado sujeito não se encontre imediatamente em situações de opressão, pois, sabe-se que há diversas possibilidades opressivas, é fundamental lutar com aqueles que se encontram em situações de opressões mais imediatas. Por exemplo: sendo uma pessoa branca e de classe média, serei, socialmente, mais visível que uma pessoa de classe baixa negra. Posso, no entanto, apoiar a luta antirracista não apenas discursivamente, mas por meio de ações concretas.

Ao nos dizer sobre a relação opressor x oprimido, Freire argumentou que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 2016, p. 95), o que quer dizer que nenhum sujeito pode fazer qualquer transformação social individualmente, mas coletivamente. É preciso discutir também as possibilidades daqueles que, reconhecendo-se privilegiados e, por isso, opressores em determinadas circunstâncias (ainda que não intencionalmente), necessitam retomar, junto aos oprimidos, caminhos de humanização. Os múltiplos graus de opressão não podem inviabilizar uma luta coletiva, ainda que constituída por pautas representadas por grupos diversos. De acordo com Freire (2016, p. 95), “o diálogo crítico e libertador [...] tem de ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação. Não um diálogo às escâncaras, que provoca a fúria e a repressão maior do opressor”. Orienta-nos Freire ainda que:

é preciso que criamos nos homens oprimidos. Que os vejamos como capazes de pensar certo também. Se esta crença falha, abandonamos a ideia, ou não a temos, do diálogo, da reflexão, da comunicação, caímos nos slogans, nos comunicados, nos depósitos, no dirigimos. A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, “ação cultural” para a liberdade, ação com eles (FREIRE, 2016, p. 97).

Em um Brasil com ares de fascismo, é fundamental tornar visível o saber e o pensar do oprimido. É fundamental criar alianças interseccionais entre as diferentes pautas dos diferentes movimentos sociais. Se, freireanamente, a revolução só pode ser pensada no coletivo, urge articularmo-nos na luta contra o fascismo.

4) Resistir ao fascismo exige a assunção de uma postura vigilante de si mesmo, negando a possibilidade e a oportunidade de se tornar um falso anti-fascista. Uma das

grandes denúncias feitas por Paulo Freire em toda a sua obra se refere às contradições das sociedades, que seguem rumos, ao que tudo indica, ambicionando a perpetuação da relação humanização-desumanização e mantém ativa a relação opressor-oprimido.

Parafraseando Freire (2016), um projeto de sociedade essencialmente democrática, que busca e promove a conscientização popular, só será desenvolvida quando as contradições supramencionadas forem superadas, o que, por sua vez, significaria a libertação de pessoas oprimidas, bem como dos que servem como opressores.

Freire (2016) discorre sobre o complexo processo de libertação de oprimidos e opressores, entre as suas advertências e preocupações, reside a questão de o oprimido “hospedar” o opressor, em outras palavras, o desejo do oprimido de se tornar um opressor. Esse fenômeno é comum quando o objetivo de superação da condição do oprimido é fundado num sentimento individual e não coletivo. Exemplificando isso, Freire (2016) explana que:

raros são os camponeses que, ao serem “promovidos” a capatazes, não se tornam mais duros opressores de seus antigos companheiros do que o patrão mesmo. Poder-se-ia dizer – e com razão – que isto se deve ao fato de que a situação concreta, vigente, de opressão, não foi transformada. E que, nesta hipótese, o capataz, para assegurar seu posto, tem de encarnar, com mais dureza ainda, a dureza do patrão. Tal afirmação não nega a nossa – a de que, nestas circunstâncias, os oprimidos têm no opressor o seu testemunho de “homem” (FREIRE, 2016, p. 67).

Trazendo essa questão para a atualidade, podemos associar a relação opressor-oprimido de Freire (2016) com o fenômeno social gerado pela ideologia do mérito, do poder de uns sobre outros ou meritocracia. Numa sociedade marcada pela ‘ideologia do poder’, incentivada ao sistema de competição, o desafio de desenvolvimento de uma Pedagogia Libertadora se torna cada vez mais complexo. Partindo dessa afirmativa, o desafio do sujeito, principalmente daquele que está em ascensão social, de se manter vigilante para que não desenvolva o desejo de se tornar um fascista, é fundamental no processo de resistência ao fascismo.

5) Resistir ao fascismo exige organicidade e diálogo entre os grupos sociais. Um dos principais pontos de questionamento de Paulo Freire sobre as metodologias empregadas na formação das pessoas brasileiras se refere à histórica prática de domesticação, caracterizada pelo seguinte cenário: aqueles que são “sabedores” de amplos conhecimentos, conhecedores da “verdade”, dirigem a grande máquina chamada sociedade, enquanto aqueles que são alheios aos conhecimentos de seus direitos e de sua própria história

sociocultural, por exemplo, seguem os rumos da sua sociedade na alienação e/ou na confortável ausência de participação. Com raízes na ideologia protecionista, esse método é muito eficaz para a manutenção de uma sociedade desigual.

Em oposição ao cenário acima, Freire (2003) assevera que o desenvolvimento de uma sociedade essencialmente democrática só se faz na experiência, num contexto dialógico e orgânico, daí a importância da implementação de mecanismos que garantam a participação popular nas diversas instâncias e esferas sociais. Complementando, a participação popular, em Freire (2003), é ao mesmo tempo educação popular. Trata-se de uma metodologia que vislumbra a ingerência das pessoas nos destinos de sua comunidade/sociedade (escolas, empresas, sindicatos, movimentos estudantis, entre outros), o que requer exercício do diálogo e da formação mútua, ou seja, (re)conhecimento de si e dos outros como sujeitos históricos e culturais, bem como desvelamento das formas e dos níveis de fascismos a que estão submersos.

6) Resistir ao fascismo exige a consciência crítica de que a opção pela “neutralidade” está a serviço do fascismo. Em Freire (2014b), o sujeito é visto não como objeto da história, mas como sujeito. Entretanto, tendo a opção ontológica de humanizar-se, pode esse sujeito, por outro lado, optar, ainda que ingenuamente, pela manutenção dos processos de desumanização. Entre os engodos comuns e que contribuem com a perpetuação das opressões está à crença na possibilidade de se manter “neutro” ante a realidade. De acordo com Freire (2014), a neutralidade é um estado inaucansável, afinal, o ato de não se posicionar já é, por si só, um posicionamento que contribui para com certa ordem social e deixa de contribuir para a mudança desta mesma ordem. Freire (2014b, p. 17) nos traz que

na medida em que nos tornamos capazes de transformar o mundo, de dar nome às coisas, de perceber, de entender, de decidir, de escolher, de valorar, de finalmente eticizar o mundo, o nosso mover-nos nele e na história vem envolvendo necessariamente sonhos por cuja realização nos batemos. Daí então, que a nossa presença no mundo, implicando escolha e decisão, não seja uma presença neutra. [...] Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto para o mundo, devo usar de toda possibilidade que tenha para não apenas falar da minha utopia, mas para participar de práticas com ela coerentes.

Ao aceitarem o contexto político, histórico e social como dados inexoráveis, as concepções fatalísticas da realidade não são capazes de reconhecer no homem e na mulher

sujeitos de intervenção e de transformação do mundo. Freire (2014a) nos esclarece que, se são homens e mulheres agentes e não meros espectadores/as da realidade, a neutralidade não é caminho viável para a luta contra as opressões, sobretudo aquelas de cunho fascista. Para lutar contra o fascismo, ignorar a realidade não é possibilidade. Há que enfrentar a realidade, que embora seja muitas vezes perversa, é também possível de ser mudada.

Neste ponto, cabe esclarecer que, não se propõe aqui um olhar simplista para a luta, como um olhar de quem crê que resistir é tarefa fácil. Reconhecer que a resistência traz consigo dificuldades, no entanto, não nos impede de, ainda assim, lutarmos e nos posicionarmos em favor da mudança. Apegar-se ao discurso de que mudar é difícil e complexo para não agir ou para “neutralizar-se”, não é postura coerente se rechaçamos as opressões e acreditamos na liberdade. Freire (2014a, p. 76) nos leva da palavra resistência para a diferenciação da palavra rebeldia e resignação:

é preciso, porém, que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o ser mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiça que nos afirmamos.

Neutralizar-se ou resignar-se não são opções para o combate do fascismo. Em detrimento disso, é uma opção encontrar estratégias e possibilidades de intervenção diante das injustiças – e não se trata aqui de intervenções imediatamente transformadoras ou redentoras. Não. Trata-se de intervenções que cooperem, ainda que minimamente, com a luta e com a mudança.

7) Resistir ao fascismo exige alegria e esperança. A célebre frase freireana de que “a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca” (FREIRE, 2014a, p. 148) exprime a convicção de que é possível conservarmos a alegria ainda que os nossos objetivos e utopias sociais e políticas não tenham sido plenamente alcançadas. Ao falar-nos da atitude de querer bem, no sentido de buscar dignidade humana para todos, Freire (2014a) nos coloca que faz parte dessa atitude “a disponibilidade à alegria de viver” (FREIRE, 2014a, p. 70). Vemos, portanto, uma alegria que advém de uma esperança crítica.

Em *Pedagogia da Esperança*, Freire (2011) nos fala da necessidade da esperança crítica: uma esperança baseada no comprometimento com o embate, com a luta. Diz-nos o educador “que prescindir da esperança que se funda também na verdade como na qualidade ética da

luta é negar a ela [à luta] um dos seus suportes fundamental” (FREIRE, 2011, p. 15). Freire explica-nos a postura esperançosa a qual defendia:

não quero dizer, porém, que porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída (idem).

Parafrazeando Freire (2014a), poderíamos dizer que há uma relação necessária entre alegria e esperança para a resistência contra o fascismo. O autor concebe que o ser humano é, naturalmente, um ser esperançoso, e que a desesperança é, na verdade, a distorção da esperança. Em suas palavras:

É preciso ficar claro que a desesperança não é maneira de estar sendo natural do ser humano, mas distorção da esperança. Eu não sou primeiro um ser da desesperança a ser convertido ou não pela esperança. Eu sou, pelo contrário, um ser da esperança que, por "n" razões, se tornou desesperançado. Daí que uma das nossas brigas como seres humanos deva ser dada no sentido de diminuir as razões objetivas para a desesperança que nos imobiliza (FREIRE, 2014a, p. 71).

Como diminuir as razões objetivas frente à desesperança imobilizante que, por vezes, assola o Brasil na nossa atualidade? Reencontrar na mobilização a esperança, encontrando no mover-se a alegria disponível na possibilidade da mudança, talvez seja a chave que Paulo Freire nos oferece para a luta. É preciso encontrar a boniteza, a beleza, a alegria e a esperança na ação de estar em busca.

5. Considerações finais

Começamos nossa conversa trazendo denúncias que nos serviram para problematizar o contexto brasileiro no qual o fascismo tem sido presente. Freire (1981) afirma, no entanto, que não há denúncia sem anúncio e que “toda denúncia gera anúncio” (FREIRE, 1981, p. 48). Assim é, que, pensando nos anúncios como possibilidades de superação da situação que se enfrenta, na atualidade brasileira, faz-se necessário falar de esperança. Queremos reafirmar que há esperança para libertação das opressões, para a mudança do contexto fascista e para a redescoberta democrática.

A partir da articulação e da manutenção da fé na possibilidade de mudança, pautando-nos em pensamentos críticos e atuais, dentre os quais Paulo Freire emerge como relevante

nome (e, provavelmente, por isso represente também uma ameaça ao poder em vigência), tornar-se-á possível realizarmos coletivamente uma intervenção social, de nosso contexto, que seja capaz de, ao menos, sucumbir os setores fascistas, quiçá superá-los. Sabemos que “Mudar é difícil, mas é possível” (FREIRE, 2014c, p. 201).

Defendemos, portanto, uma pedagogia utópica, esperançosa, de crença na democracia e que se posiciona radicalmente contra projetos de desmontes do sistema educacional brasileiro e de negação das ciências. Entretanto, não se trata esta esperança, a que defendemos, uma esperança feita de esperas paralisantes ou paralisadas, passivas. Mas uma espera que é também tempo de luta. Nas palavras de Freire (1981, p. 48), “[..] numa [pedagogia] autenticamente utópica, não há como falar em esperança se os braços se cruzam e passivamente se espera”. Contudo, “na verdade, quem espera na pura espera vive um tempo de espera vã. A espera só tem sentido quando, cheios de esperança, lutamos para concretizar o futuro anunciado, que vai nascendo da denúncia militante”.

Assim, é preciso crer e sustentar uma pedagogia utópica e esperançosa, porque “pretendendo estar a serviço da libertação das classes oprimidas, se faz e se refaz na prática social, no concreto, e implica na dialetização da denúncia e do anúncio, que têm na práxis revolucionária permanente, o seu momento máximo” (FREIRE, 1981, p. 48).

Em última análise, cabe ressaltar que, embora o título deste trabalho traga a palavra fascismo, é preciso reafirmar, a todo instante e sempre, que o Brasil não pertence a este regime de desumanização. O Brasil não pertence a necrofilia expressa no fascismo.

Referências

BOITO JÚNIOR, Armando. O caminho brasileiro para o fascismo. **Cadernos CRH**, Salvador, v. 34, p. 1-23, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/35578/24872>>. Acesso em: 10 jan. de 2023.

BOLSONARO, Jair M. **O caminho da prosperidade**. Proposta de Plano de Governo Tribunal Superior Eleitoral. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2018/propostas-de-candidatos>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

BRANDÃO, C. R. **O que é Método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1988.

CAVALCANTE, Sávio. Classe média, meritocracia e corrupção. **Crítica Marxista**, Campinas, n. 46, p. 121, 2018. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

CHAUÍ, M. 2016. **Sociedade brasileira**: violência e autoritarismo por todos os lados: depoimento. Entrevista concedida a Juvenal Savian Filho e Laís Modelli. Revista Cult. 2016. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/marilena-chai-violencia-e-autoritarismo/>>. Acesso em: 20 set. de 2020.

CRAIDE, Sabrina. Senado rejeita proposta de retirar de Paulo Freire título de Patrono da Educação. **Agência Brasil**: Brasília, 2017. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2017-12/senado-rejeita-proposta-de-retirar-de-paulo-freire-titulo-de-patrono-da>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

DRECHSEL, Denise. Exclusivo: Weintraub ataca militância nas universidades e fala do medo de morrer. **Gazeta do Povo**: Curitiba, 2019. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/weintraub-ministro-educacao-entrevista-exclusiva/?ref=link-interno-materia>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para liberdade e outros escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Educação e Atualidade Brasileira**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LÖWIS, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. Tradução: Deni Alfaro Rubbo e Marcelo Netto Rodrigues. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 124, p. 652, 2015.

PONTES, Tatiana Pinheiro de Assis. **O lugar de Paulo Freire na atualidade**: o que sabem os professores?. 2017. 253f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências e

Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2017.

PUTTI, Alexandre. “Feio, fraco e não tem resultado positivo”, diz Weintraub sobre Paulo Freire. **Carta Capital**: São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/educacao/feio-fraco-e-nao-tem-resultado-positivo-diz-weintraub-sobre-paulo-freire/>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

REIS, Guilherme Simões. A incessante disputa: as ideologias políticas e o que deve ser feito. In: BATISTA, Cristiane; MUÑOZ, Enara Echart (orgs.). **Teoria e Prática da Política**. Curitiba: Appris, 2017.

REIS, Guilherme Simões; SOARES, Giovanna. O Fascismo no Brasil: o ovo da serpente chocou. **Desenvolvimento em Debate**, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p.55, 2017.

SILVA, Kalina V.; SILVA, Maciel H.. **Dicionário de conceitos históricos**. 2.ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

WEINTRAUB cita kit gay e Paulo Freire para falar de alfabetização infantil. **Carta Capital**: São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/weintraub-cita-kit-gay-e-paulo-freire-para-falar-de-alfabetizacao-infantil/>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

Sobre os autores

Lucas Rocha de Brito Rodrigues

Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Servidor público, atua como pedagogo e professor da Educação Básica em municípios do interior de Minas Gerais. Orcid: 0000-0001-8448-795X. E-mail: rochalucas.r@gmail.com.

Tatiana Pinheiro de Assis Pontes

Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista. Professora Adjunta no Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia. Orcid: 0000-0001-8512-7518. E-mail: tatiana.pinheiro2@hotmail.com.

Recebido em: 03/08/2022

Aceito para publicação em: 06/01/2023